

CONFIRMANDO AS EXPECTATIVAS DO MERCADO, O COMITÊ DE POLÍTICA MONETÁRIA AMPLIOU O CORTE DA META DA TAXA SELIC EM SUA PRIMEIRA REUNIÃO DE 2017, MAS SURPREENDEU NA MAGNITUDE, AO REDUZIR EM 75 PONTOS-BASE A META. A DECISÃO BASEOU-SE NO FRACO DESEMPENHO DA ECONOMIA E NO QUADRO INFLACIONÁRIO MAIS FAVORÁVEL.

DE FATO, O RESULTADO DO IPCA EM DEZEMBRO (0,30%), CONTRIBUIU PARA QUE A INFLAÇÃO ANUAL (6,29%) FICASSE ABAIXO DO TETO DA META EM 2016, AUMENTANDO AS CHANCES DE O ÍNDICE DE PREÇOS ATINGIR O CENTRO DA META ATÉ O FINAL DE 2017.

NESSE CENÁRIO, OS AJUSTES NOS PREÇOS DOS ATIVOS INTENSIFICARAM OS GANHOS COM TÍTULOS PÚBLICOS NO PERÍODO, PRINCIPALMENTE AQUELES COM MAIOR DURATION, INCLUINDO AS CARTEIRAS DOS FUNDOS DE INVESTIMENTO DE RENDA FIXA E MULTIMERCADOS COM ESSE PERFIL. NO MERCADO DE CAPITAIS, COM O DESEMPENHO DAS OFERTAS EXTERNAS E DOS TÍTULOS ISENTOS, AS CAPTAÇÕES EM 2016 SUPERARAM AS DE 2015.

RENDA FIXA

Copom surpreende mercado com corte maior da Selic »

Baixo crescimento da atividade econômica e balanço inflacionário favorável levam o Comitê a ampliar a queda da meta e alimentam as apostas em taxa Selic no patamar de um dígito ao final de 2017.

MERCADO DE CAPITAIS

Títulos domésticos de renda fixa lideram ofertas em 2016 »

Com operações que somaram R\$ 19,6 bilhões em dezembro, lideradas pelas emissões de CRIs, as ofertas domésticas com títulos de dívida e instrumentos de securitização responderam pela maior parte do *funding* de 2016.

FUNDOS DE INVESTIMENTO

Queda dos juros favorece rentabilidades de fundos »

O estímulo da redução dos juros sobre a rentabilidade dos fundos de ações e das carteiras de renda fixa com maior duration, observado em 2016, se intensificou com a aceleração no ritmo de queda dos juros.

Copom surpreende mercado com corte maior da Selic

- Dalton Boechat

► Comitê Macroeconômico da ANBIMA revisa de 0,9% para 0,5% estimativa do PIB para 2017

► Desempenho fraco da economia reforçou decisão de corte maior do que o esperado da meta da taxa Selic

► IPCA cai de 10,67%, em 2015, para 6,29%, em 2016, e inflação fica abaixo do teto da meta

Apesar do aumento do ritmo de queda da meta para a taxa Selic ter sido capturado ainda em dezembro nas curvas de juros e nos preços dos ativos, boa parte dos agentes foi surpreendida pelo corte de 75 pontos-base da taxa ocorrida em janeiro, acima do consenso de queda de 50 pontos-base.

O comunicado do Copom destacou a preocupação com a demora na recuperação da atividade econômica como uma das motivações para a decisão do

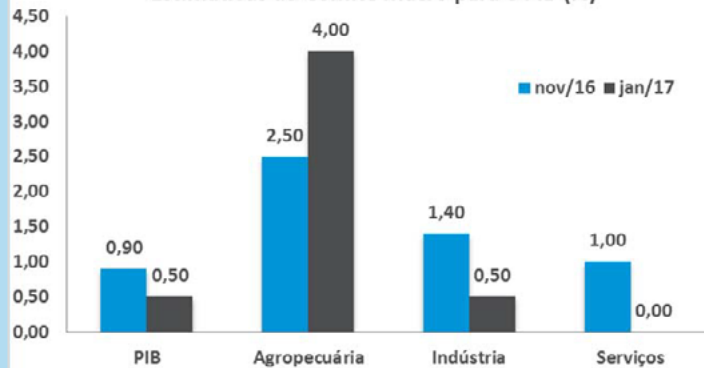
corte mais significativo. De fato, as primeiras projeções para o PIB de 2017 do Comitê Macro da ANBIMA, divulgadas nos dias que antecederam a reunião do Copom, previam crescimento de apenas 0,5% para o país nesse ano (contra 0,9% da projeção anterior, feita em novembro de 2016). De acordo com o Comitê, o setor agropecuário terá 4% de crescimento, mas a indústria apenas 0,5% e o setor de serviços, crescimento nulo, em uma conjuntura de previsão de desemprego ainda alto, de 12,7%, em média, no período.

Nesse cenário, alguns agentes de mercado já vem trabalhando com a hipótese de que, ao final de 2017, a meta para a taxa Selic chegue a um dígito, o que indica corte de mais de 300 pontos-base, distribuídos nas sete reuniões restantes do ano. O ritmo das reduções, contudo, deve ser condicionado pelo comportamento da atividade econômica e pelo balanço de riscos inflacionários no período.

O IPCA de dezembro ficou em 0,30%, levando a inflação anual para 6,29% em 2016, abaixo do teto da meta perseguida pelo governo e bem aquém do resultado de 10,67%, apurado em 2015. Os problemas climáticos enfrentados na produção agrícola, que contribuíram para

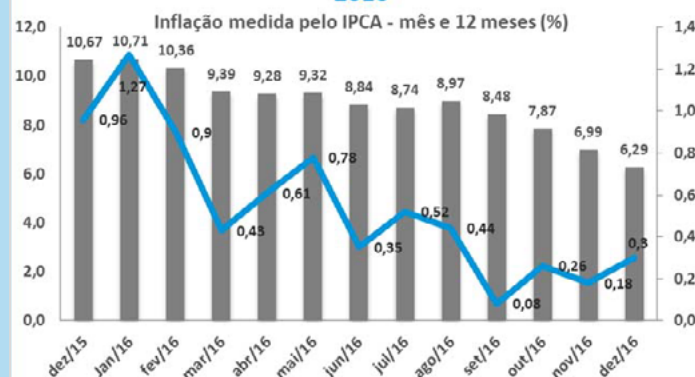
Previsão de queda maior do PIB para 2017

Estimativas do Comitê Macro para o PIB (%)

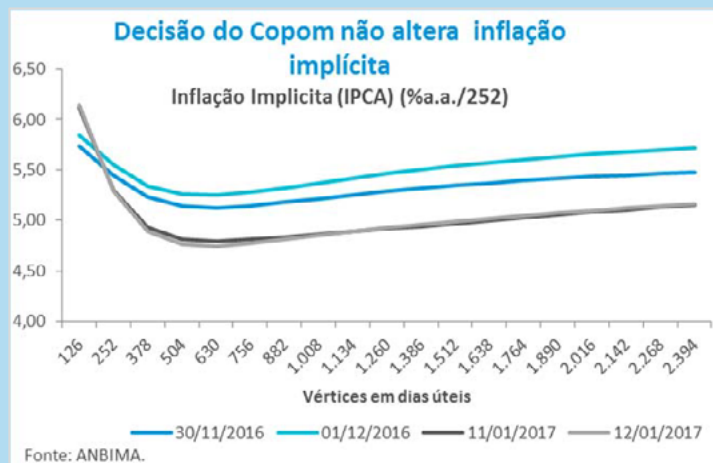


Fonte: Comitê Macroeconômico da Anbima.

IPCA fica abaixo do teto de 6,5% da meta em 2016



Fontes: ANBIMA e IBGE.



Rentabilidade dos principais benchmarks				
Indicador	dez/16	12 m	24 m	36 m
IRF-M 1	1,2%	14,7%	29,6%	43,4%
IRF-M 1+	2,1%	29,6%	33,9%	49,8%
IRF-M	1,8%	23,4%	32,2%	47,2%
IMA-B 5	1,4%	15,5%	33,3%	48,9%
IMA-B 5+	3,7%	31,0%	38,5%	61,5%
IMA-B	2,9%	24,8%	35,9%	55,7%
IMA-S	1,1%	13,8%	28,9%	42,9%
IMA-Geral	1,9%	21,0%	32,3%	48,6%
CDI	1,1%	14,0%	29,1%	43,1%
Dólar	-4,1%	-16,5%	22,7%	39,1%
Ibovespa	-2,7%	38,9%	20,4%	16,9%

Fontes: Anbima, Banco Central, BM&Fbovespa e Cetip.

uma queda de 12% na oferta de alimentos, levaram o grupo Alimentação e Bebidas a liderar os impactos na inflação anual, com 2,17 pontos percentuais, segundo o IBGE. Mas a forte recessão no período, com queda do emprego e da renda, teria sido determinante para a redução da inflação, retirando a pressão sobre os preços.

Apesar da surpresa com o tamanho do corte dos juros, a curva de inflação implícita, importante indicador do comportamento esperado e das incertezas do mercado para a inflação futura, manteve-se estável após a decisão do Copom. Esse movimento indica que os riscos inflacionários considerados nos papéis prefixados e nos indexados ao IPCA acomodavam esse ajuste na meta de juros. O mesmo efeito não foi observado na reunião anterior, no final de novembro, quando o corte foi de 25 pontos-base e o mercado estava com apostas mais firmes em uma queda maior, de 50 pontos-base. Naquela ocasião, a curva subiu em relação ao dia anterior, refletindo a revisão dos riscos a partir da postura mais conservadora da Autoridade Monetária.

Ainda assim, a correção dos preços dos ativos no dia seguinte à decisão do Copom alavancou a rentabilidade da família de

- ▶ **Copom vê desempenho fraco da economia e amplia corte da meta Selic**
- ▶ **Curva de inflação implícita manteve-se estável após corte dos juros**
- ▶ **Família de índices ANBIMA é destaque de rentabilidade no ano**

índices ANBIMA, em especial os subíndices prefixados e indexados de maior duration. O IRF-M 1+, composto pela carteira de títulos públicos com vencimento acima de um ano, registrou alta de 1,87% entre o dia 11/1 (anúncio do corte da meta) e o dia 12/1, e o IMA-B 5+, com papéis IPCA acima de 5 anos, teve alta ainda maior, de 2,22% em um único dia.

Esses mesmos subíndices foram destaque também em 2016, com rentabilidade acumulada de 29,71% e 31,14%, respectivamente, o que contribuiu para que o IMA Geral fechasse o período com alta de 21,07%, inferior apenas ao Ibovespa (38,94%), mas acima das rentabilidades dos principais benchmarks de renda fixa. Para prazos mais longos (24 e 36 meses), os IMAs também lideraram em

performance, com destaque para o IMA-B5 +, com quase 62% de alta nos últimos 36 meses.

Em resposta à difícil conjuntura de 2016, que influenciou as decisões de investimento dos agentes em busca de maior liquidez para suas aplicações, o perfil da captação bancária mudou para atender parte dessa demanda dos investidores. O estoque de CDB, ativo de mais curto prazo, foi o único a superar o volume registrado no ano anterior, com alta de 11,4%, contribuindo para manter o estoque total de títulos privados (R\$ 2,5 trilhões) 4,7% acima do de 2015. As LFs, as LCIs e as LCAs, que registraram crescimento contínuo dos estoques desde sua criação, apresentaram quedas de 1,2%, para os dois primeiros ativos, e de 2,3% para as LCAs. As restrições de resgates antes do vencimento desses títulos (dois anos para as LFs) e a falta de lastro, principalmente imobiliário, em função do ritmo mais fraco da economia, no caso das LCIs e LCAs, podem ter contribuído para frear a trajetória histórica de crescimento.

Por fim, as incertezas com relação ao novo governo americano e suas sinalizações de política econômica continuam elevadas, embora haja a previsão de um dólar mais

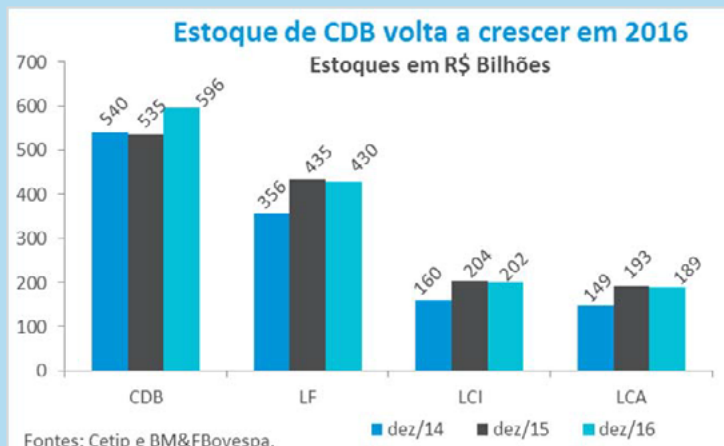
► **IMA-B 5+ supera as demais opções de investimento para prazos mais longos**

► **Estoque de CDB volta a crescer e atinge R\$ 596 bilhões em 2016**

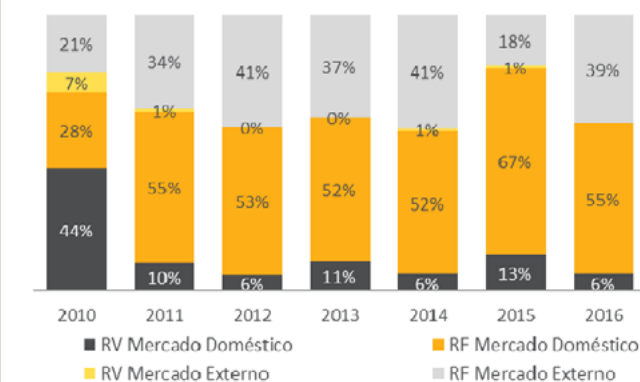
► **Comitê Macro da ANBIMA estima em R\$ 3,45 a taxa de câmbio em 2017**

forte, por conta dos estímulos fiscais ao crescimento da atividade econômica naquele país e o aumento das taxas de juros pelo Fed, que podem ser mais frequentes em 2017, a depender do comportamento da inflação.

Assim, apesar do recuo do dólar em dezembro e no início desse ano, o Comitê de Acompanhamento Macroeconômico da ANBIMA estima que a PTAX alcance R\$ 3,45 ao final de 2017, o que representará uma alta de 7% sobre a cotação do dia 16/1.

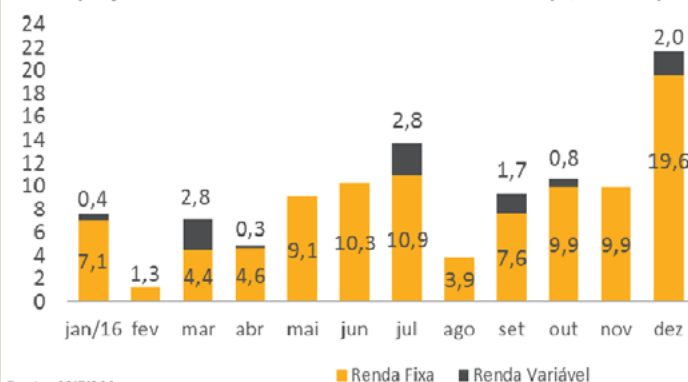


Títulos locais de renda fixa têm maior peso no *funding* Perfil de captação das empresas brasileiras* (%)



Fonte: ANBIMA. Obs: (*) Calculado com o dólar médio de cada período.

Cias optam por instrumentos locais em dezembro Captações Mensais com Instrumentos Domésticos (R\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA.

Títulos domésticos de renda fixa lideram ofertas em 2016

• Vivian Corradin

► **Captações locais no segmento de renda fixa e instrumentos de securitização concentram 55% do *funding* de 2016**

► **Operações domésticas em dezembro chegam a R\$ 21,6 bilhões, lideradas pelas captações com CRIs**

► **Crescimento das ofertas de CRIs e CRAs em 2016 compensa o desempenho desfavorável dos demais instrumentos**

As captações com valores mobiliários pelas companhias brasileiras, nos mercados local e externo, alcançaram R\$ 178,5 bilhões em 2016. Apesar da conjuntura econômica menos favorável e da desaceleração do ritmo das operações domésticas ao longo do ano, o resultado foi influenciado positivamente pela concentração de ofertas de valores mobiliários no mercado local em dezembro, que chegou a R\$ 21,6 bilhões, o maior volume mensal de todo o ano. Esse montante deveu-se, principalmente, às emissões de títulos cujos rendimentos são isentos de imposto de renda para pessoas físicas. Foram R\$ 7,7 bilhões em CRIs, R\$ 4,3 bilhões em CRAs,

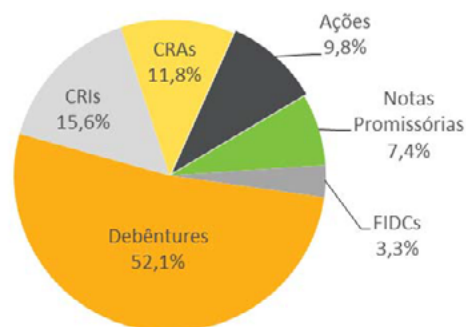
além das debêntures incentivadas, que, considerando os ativos ainda em processo de distribuição, chegam a R\$ 1,3 bilhão em dezembro. Com isso, as captações no mercado doméstico acabaram respondendo pela maior parte do *funding* das companhias no ano, concentradas especialmente no segmento de títulos de renda fixa e instrumentos de securitização, responsável por 55% de todo o volume de operações em 2016.

Desconsiderando as operações com debêntures de *leasing*, que movimentaram R\$ 20 bilhões em 2016 – o dobro do ano passado –, as ofertas com valores mobiliários de renda fixa no mercado local somaram R\$ 98,7 bilhões no ano, um resultado levemente superior aos R\$ 97,8 bilhões captados em 2015. De todos os instrumentos do segmento de renda fixa e securitização, apenas os CRIs e CRAs apresentaram, no ano, resultado superior ao realizado em 2015, o que contribuiu para equilibrar o desempenho desfavorável das captações com os demais instrumentos – debêntures, notas promissórias e FIDCs.

As debêntures, por exemplo, apesar de permanecerem como o ativo mais utilizado (52,1% do total em 2016), repetindo o desempenho observado nos últimos anos, tiveram queda de 11,6% do volume absoluto das operações em comparação ao

Debêntures, CRIS e CRAs lideram captações locais

Ofertas de valores mobiliários locais em 2016 (% do volume)



Fonte: ANBIMA.

ano anterior, o equivalente a R\$ 7,5 bilhões.

Além da queda do volume, o perfil dos ativos também refletiu a difícil conjuntura de 2016. Entre as debêntures, 50% das emissões se concentraram na faixa de prazo de até três anos, o que fez com que o prazo médio dos ativos ofertados em 2016 ficasse em apenas 4,4 anos, o menor prazo médio anual desde 2010. Em termos de perfil de indexação, foi acentuada a participação dos ativos referenciados à taxa DI, que responderam por 90% do total das emissões de debêntures no ano. Entretanto, o volume das debêntures expressas em IPCA se manteve em 9,9%, percentual levemente inferior ao observado em 2015 (11,8%) e maior do que o registrado em 2014 (7,7%). Esse movimento pode ser atribuído à oferta de ativos incentivados, atrelados à Lei 12.431/11, que têm, entre seus pré-requisitos, a exigência de que sejam remunerados por taxas de juros pré-fixadas, índices de preços ou pela Taxa Referencial - TR.

O segundo instrumento mais utilizado no mercado doméstico foi o CRI, que concentrou 15,6% do volume das captações domésticas em 2016. As ofertas somaram R\$ 17,1 bilhões, com um crescimento de 72,6% em comparação às

► **Prazo médio das debêntures cai para 4,4 anos em 2016, o menor desde 2010**

► **CRIs e CRAs concentram 15,6% e 11,8% das operações locais, respectivamente**

► **Ofertas de CRAs crescem 193% em 2016**

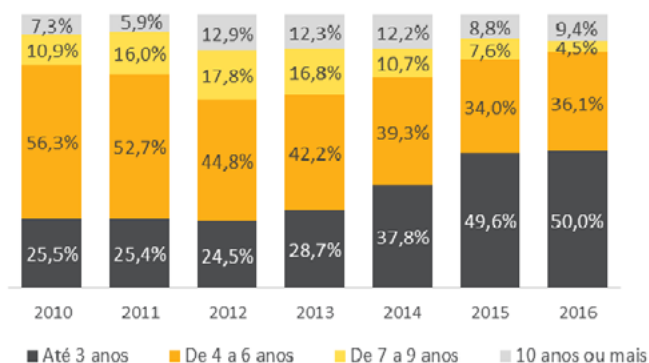
operações realizadas em 2015, sendo o maior volume anual desde o início das captações com o ativo.

Crescimento ainda mais expressivo foi o registrado pelos CRAs, que passaram a ocupar o terceiro lugar entre os valores mobiliários domésticos mais utilizados pelas companhias brasileiras. O volume de operações no ano cresceu 193% em comparação a 2015, com ofertas que somaram R\$ 12,9 bilhões, volume também recorde para o segmento. Com isso, o ativo respondeu por 11,8% de toda a captação doméstica no ano, contra uma participação de apenas 3,8% em 2015.

Também beneficiadas pela isenção de imposto de renda, as debêntures de infraestrutura registraram um *boom* nas ofertas nos dois últimos meses do ano, elevando para R\$ 4,4 bilhões o resultado dessas operações em 2016. O volume, contudo, está aproximadamente 12% aquém dos registrados em 2015 e 2014,

Cresce participação de ativos com prazos mais curtos

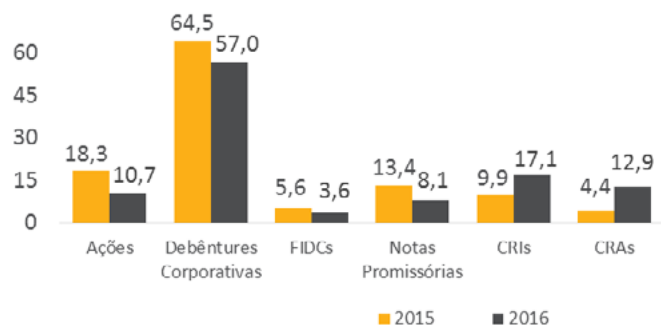
Perfil dos prazos das debêntures por volume (%)



Fonte: ANBIMA.

Títulos isentos impulsionam captações domésticas

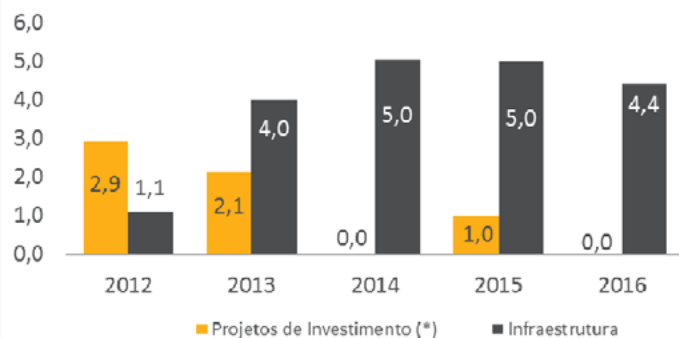
Valores Mobiliários Domésticos 2016 x 2015 (R\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA.

Debêntures incentivadas têm boom no fim do ano

Debêntures da Lei 12.431 por ano de emissão (R\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA (*) Isenção exclusiva para estrangeiros.

em consonância com a queda registrada nas emissões das demais debêntures corporativas no período.

Já no segmento de renda variável, o volume de ofertas fechou 2016 em R\$ 10,7 bilhões, com uma queda de 41,5% em relação ao montante captado com ações em 2015, a despeito do *follow on* da Cia de Saneamento do Paraná – SANEPAR, que movimentou aproximadamente R\$ 2 bilhões em dezembro. No início de 2017, contudo, três novas ofertas de ações estão em processo de análise na CVM: Movida Participações, Unidas e Instituto Hermes Pardini, corroborando as expectativas de que as operações no segmento possam ser retomadas, aproveitando a sazonalidade favorável do início do ano.

No *front* externo, apesar da ausência de captações internacionais por parte das companhias brasileiras no último bimestre do ano – em resposta à volatilidade que marcou o mercado externo após o resultado das eleições norte americanas –, o montante captado em 2016 chegou a US\$ 20,3 bilhões, superando o resultado de 2015 em 151,3%.

Como observado historicamente, o setor de óleo e gás manteve a liderança das ofertas externas, com participação de 48,1% do total, a despeito das dificuldades enfrentadas pelo setor ao longo de 2016.

▶ R\$ 4,4 bilhões em debêntures de infraestrutura são emitidos em 2016

▶ Captações com ações têm queda de 41,5% no ano

▶ Petrobras abre mercado externo em 2017 com captação de US\$ 4 bilhões

Além disso, o setor já é o responsável pela abertura do mercado internacional em 2017, com a captação, em janeiro, de US\$ 4 bilhões pela Petrobras em *bonds* de dez e cinco anos de prazo.

Retomando o perfil observado em anos anteriores, e que foi interrompido em 2016, outras companhias já se preparam para acessar o mercado externo no início do ano, período sazonalmente marcado por intensa movimentação de operações. Em 2016, a primeira operação externa ocorreu apenas em março, com a captação de US\$ 1,5 bilhão pelo Tesouro Nacional.

Fundos de Ações são destaque em 2016

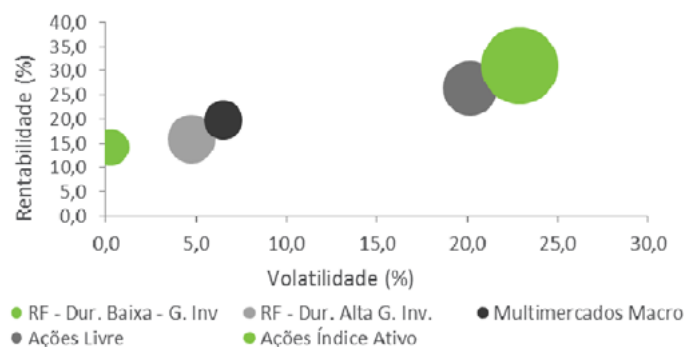
Rentabilidades (%) - Fundos e Indicadores Seleccionados

Tipo	Dezembro	Ano	24m
Renda Fixa Indexados	1,74	17,03	29,62
Renda Fixa Duração Baixa Grau de Inv.	1,13	14,16	29,55
Renda Fixa Duração Alta Grau de Inv.	1,21	15,85	34,14
Renda Fixa Duração Alta Soberano	2,31	21,67	33,95
Multimercados Macro	2,49	19,80	45,92
Multimercados Long Short Neutro	1,63	21,14	33,57
Ações Livre	0,01	26,41	23,36
Ações Índices Ativo	-1,91	31,01	17,80
Cambial	-3,92	-15,94	26,82
IMA-GERAL	1,88	21,00	32,34
IRF-M	1,84	23,37	32,22
IMA-B	2,91	24,81	35,98
IHFA	2,29	15,87	36,14
Ibovespa	-2,71	38,94	20,44
Dólar	-4,05	-16,54	22,70

Fontes: ANBIMA, BM&FBovespa e Banco Central

Retornos compensaram tomada de risco em 2016

Risco x Retorno (%) em 2016 - tipos Anbima selecionados*



Fontes: ANBIMA

Queda dos juros favorece rentabilidades de fundos

• Antônio Filgueira

► Expectativa de aceleração no ritmo de queda dos juros intensifica valorização de fundos de renda fixa em dezembro

► Incertezas políticas no cenário doméstico e alta dos juros americanos afetam retorno do Ibovespa no mês

► Estimulados pela expectativa de queda dos juros e commodities, fundos de ações lideram rentabilidades em 2016

Em dezembro, a expectativa de aceleração no ritmo de queda dos juros resultou em um movimento de valorização dos títulos de renda fixa de prazo mais longo, o que se refletiu na rentabilidade da carteira dos fundos de maior duration, como a do tipo Renda Fixa Duração Alta Soberano, cuja alta de 2,31% foi superada, apenas, pela do tipo Multimercado Macro, que valorizou 2,49%. Esse movimento se intensificou após o dia 11 de janeiro em função da redução de 75 pontos-base da taxa de juros, 25 pontos-base acima da esperada

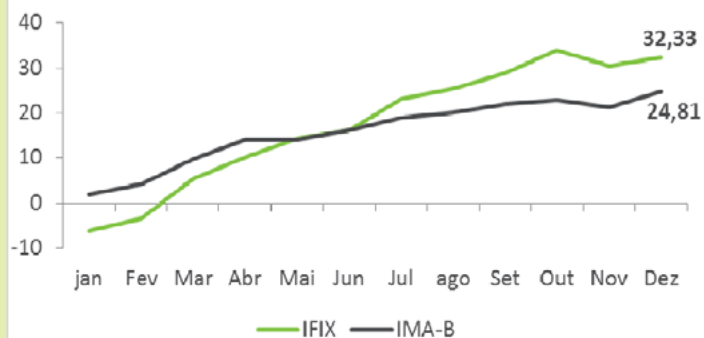
pelo mercado, e da possibilidade de que o ritmo de corte se mantenha ou até mesmo se acelere nas próximas reuniões do Copom. No entanto, ainda em dezembro, a incerteza política no cenário doméstico e a alta dos juros norte-americanos pesaram sobre a queda de 2,71% do Ibovespa, fazendo com que, com exceção do tipo Livre, os demais fundos de ações apresentassem resultados negativos no mês.

No ano, a expectativa de redução da taxa de juros, embora iniciada somente em outubro, resultou em expressiva valorização das carteiras dos fundos de investimento compostas por ativos de risco. As maiores valorizações, no entanto, ocorreram nos fundos de ações que, também estimulados pela recuperação do preço de algumas commodities, se refletiram na alta de 39,84% acumulada pelo Ibovespa no ano, a primeira desde 2012. Os tipos Livre e Índice Ativo, de maior PL entre os fundos abertos da classe Ações, valorizaram, respectivamente, 26,41% e 31,01% no ano.

A expectativa de redução dos juros também favoreceu as carteiras dos fundos de Renda Fixa com maior duration que, embora mais voláteis, apresentaram rentabilidades superiores a dos fundos da mesma classe com menor duration (veja

Fundos Imobiliários mostram recuperação no ano

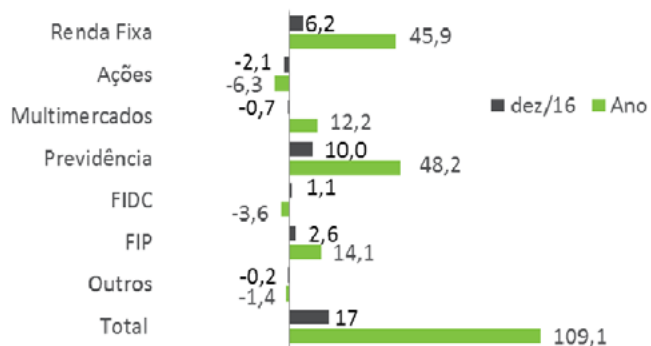
Índice de Fundos de Investimento Imobiliário - Var. acum. ano (%)



Fontes: BMF&Bovespa e ANBIMA

Indústria registra captação líquida de R\$ 109,1 bi

Captação Líquida por classe em dezembro e no ano (R\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA

gráfico). Entre os Multimercados, os maiores retornos no ano foram registrados pelos tipos Long and Short Neutro (21,14%) e Macro (19,8%). Vale notar que o tipo Macro, que realiza operações baseadas em cenários macroeconômicos de médio e longo prazos, acumula a maior rentabilidade da indústria nos últimos dois anos (45,92%), refletindo a consistência de seus resultados e a habilidade de seus gestores em gerar retornos expressivos mesmo em um cenário de incerteza política e de conjuntura econômica adversa, que marcaram o período.

Após começar 2016 com retorno negativo, o IFIX - Índice de Fundos de Investimento Imobiliário, indicador do desempenho médio das cotações dos fundos imobiliários negociados na BM&FBOVESPA e composto por 72 fundos, acumulou valorização de 32,33% no ano, a maior desde 2011, superando, inclusive, a alta de 24,81% do IMA-B no período, índice com o qual apresenta elevada correlação. Vale registrar que, ao antecipar o processo de flexibilização monetária, os ganhos foram pulverizados e ocorreram em fundos pertencentes a diferentes segmentos e com características distintas entre si.

No que se refere ao fluxo de recursos, a indústria de fundos registrou captação líquida de R\$ 17 bilhões, a maior para o

► **IFIX acumula alta de 32,33%, superando o IMA-B em 2016**

► **Previdência registra captação líquida recorde no mês e no ano**

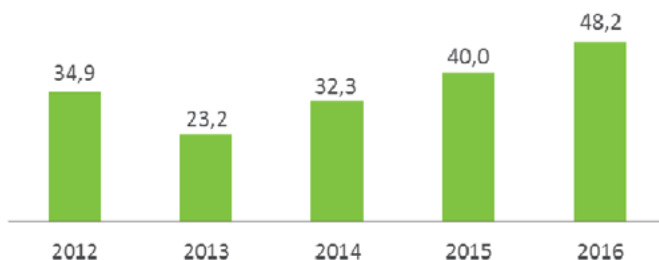
► **Captação Líquida no ano é de R\$ 109,1 bi, a segunda maior da série**

mês de dezembro desde o início da série, em 2002. Esse resultado deveu-se, em grande medida, ao ingresso líquido de R\$ 10 bilhões em Previdência, o maior volume mensal já registrado por essa classe, bem como aos ingressos de R\$ 6,2 bilhões em Renda Fixa e de R\$ 2,6 bilhões em FIPs - Fundos de Investimento em Participações. Já os fundos de ações registraram resgate líquido de R\$ 2,1 bilhões.

Com isso, após registrar captação líquida próxima de zero em 2015, a indústria acumulou ingresso líquido de R\$ 109,1 bilhões em 2016, o segundo maior da série, superado apenas pelo ano de 2010, quando foi de R\$ 113,5 bilhões. A captação líquida da classe Previdência também foi recorde (R\$ 48,2 bilhões) e respondeu pela maior parte do ingresso líquido de recursos no ano, o que indica a crescente atratividade desses fundos como

Previdência registra captação líquida recorde no ano

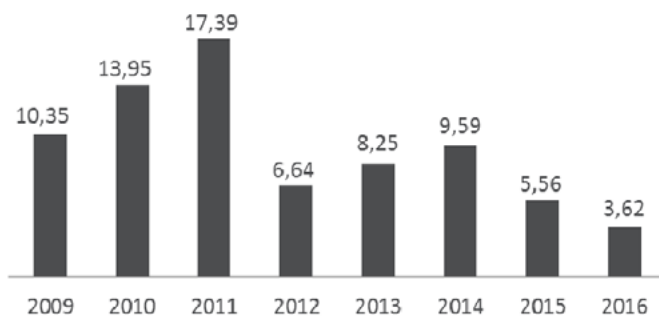
Captação Líquida da classe Previdência no ano (R\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA

Volume emitido de FIDC volta a recuar em 2016

Volume emitido de FIDCs por ano (R\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA

alternativa para a formação de poupança previdenciária complementar pelos brasileiros, passados os efeitos das mudanças nas regras de composição de carteira ocorridas em 2013 que, na ocasião, resultaram em rentabilidades negativas e maior aversão a risco por parte dos investidores. Já a classe Renda Fixa, que havia contabilizado resgate líquido de R\$ 14,8 bilhões em 2015, respondeu pelo segundo maior ingresso líquido da indústria em 2016, com R\$ 45,9 bilhões, seguido pelos FIPS, com R\$ 14,1 bilhões. Destaque, também, para a captação líquida de R\$ 12,2 bilhões na classe Multimercados, que voltou a ficar positiva após a saída de líquida de R\$ 4,2 bilhões registrada em 2015, ao que tudo indica, revelando um maior apetite dos investidores por ativos de risco. Mesmo com rentabilidades elevadas, a classe Ações voltou a registrar saída líquida, de R\$ 6,3 bilhões no ano.

Por fim, além do resgate líquido de R\$ 3,6 bilhões na classe FIDC em 2016, diante da ausência de grandes emissões, também houve queda do volume ofertado desses fundos, que recuou pelo segundo ano consecutivo, ficando em R\$ 3,62 bilhões em 2016, o menor valor desde 2003. Assim como no ano anterior, em 2016 a conjuntura econômica adversa, com taxa de juros elevada, queda do PIB e aumento do desemprego, resultou em recuo das

► **Multimercados captam R\$ 12,2 bi em 2016, após resgates no ano anterior**

► **Mesmo com retornos elevados, fundos de ações registram resgates no ano**

► **Conjuntura econômica afeta volume de emissão de FIDCs**

operações de crédito livre, tanto para pessoas físicas como para pessoas jurídicas, que são objeto de securitização pelos FIDCs. No entanto, diante da redução mais acelerada da taxa de juros nesse início de ano e de uma possível retomada do crescimento das operações de crédito livre, é razoável esperar um crescimento das operações de securitização via FIDC ao longo de 2017.

PANORAMA ANBIMA

O Panorama ANBIMA busca identificar e explicar os principais movimentos dos mercados de capitais, renda fixa e fundos de investimento no mês, a partir das informações estatísticas que a Associação reúne em sua base de dados, contextualizando-os no cenário macroeconômico doméstico e internacional.

REDAÇÃO

Antônio Filgueira, Dalton Boechat, Marcelo Cidade e Vivian Corradin
Gerência de Estudos Econômicos

DIAGRAMAÇÃO

José Carlos Oliveira
Comunicação Institucional

COORDENAÇÃO

Enilce Leite Melo
Gerência de Estudos Econômicos

SUPERINTENDÊNCIA DE REPRESENTAÇÃO TÉCNICA

Valéria Arêas Coelho

RIO DE JANEIRO: Avenida República do Chile, 230, 13º andar CEP 20031-170 + 21 3814 3800

SÃO PAULO: Av. das Nações Unidas, 8501, 21º andar, CEP 05425-070 + 11 3471 4200

PRESIDENTE: Robert van Dijk

VICE-PRESIDENTES: Carlos Ambrósio, Conrado Engel, Flavio Souza, José Olympio Pereira, Márcio Hamilton, Pedro Lorenzini, Sérgio Cutolo e Vinicius Albernaz

DIRETORES: Alenir Romanello, Carlos Salomonde, Celso Scaramuzza, Felipe Campos, Fernando Rabello, José Eduardo Laloni, Luiz Chrysostomo, Luiz Fernando Figueiredo, Luiz Sorge, Carlos Augusto Salomonde, Richard Ziliotto, Saša Markus e Vital Menezes

COMITÊ EXECUTIVO: José Carlos Doherty, Ana Claudia Leoni, Guilherme Benaderet, Patrícia Herculano, Valéria Arêas Coelho, Marcelo Billi, Soraya Alves e Eliana Marino

www.anbima.com.br